TL 1010

APELO A TODOS
OS NOSSOS COMPATRIOTAS, RESIDENTES NA EUROPA

NA OCASIÃO DAS COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL

Companheiros,

O 25 de Abril de 1974 ficou na nossa hist`ria como o sìmbolo da dignidade colectiva reencontrada pelo nosso povo ao fim de 50 anos de obscurantismo e opressão. As duas grandes conquistas politicas de hà 16 anos, a democracia e o fim do colonialismo, são irreversiveis e tiveram um impacto forte, muito para além do nosso pais.

Do processo, negociado com os movimentos de libertação nacionais, surgiram novos Estados, gerindo os seus pròprios destinos : Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Prìncipe. Macau, com caracterìsticas particulares, encontrou vias diferentes, baseadas no princìpio fundamental do direito dos povos à autodeterminação.

Uma mancha negra neste balanço optimista — Timor-Leste.

O processo de descolonização, que devia conduzir o povo timorense à independência, foi brutalmente interrompido pela invasão militar indonésia de 7 de Dezembro de 1975. Desde essa data, um terço da população, mais de 200 000 pessoas, foram assassinadas pelo ocupante indonésio, fazendo de Timor um dos maiores genocìdios deste fim de século.

Timor-Leste, que continua a fazer parte dos "territòrios a descolonizar", nas Nações Unidas, foi ilegalmente "integrado" no império indonésio, que continua a negar ao povo qualquer possibilidade de expressão da sua vontade de independência.Os direitos mais elementares, de expressão, de circulação, de associação, são espezinhados diàriamente pelas botas dos militares colonialistas indonésios.

Companheiros,

Apesar dos assassinatos e desaparecimentos, das torturas e prisões, o povo timorense continua a resistir, nas montanhas, com armas na mão, e nas cidades com manifestações nas ruas.

A Igreja timorense continua a recusar a sua integração na Indonésia e encontrou em Monsenhor Ximenes Belo, Administrador Apostòlico de Dili,um porta-voz corajoso do direito à auto-determinação do povo de Timor. A sua carta de hà um ano, dirigida a Perez de Cuellar, secretàrio-geral da ONU, reclamando a realização dum referendum nacional, recolheu as mais largas simpatias em meios politicos, diplomàticos e religiosos pelo mundo fora.

Ainda no passado mês de Janeiro, durante os dias 17, 18 e 19, aquando da visita do embaixador americano na Indonésia à cidade de Dili, capital de Timor-Leste, centenas de

jovens ocuparam as ruas com bandeirolas e megafones para gritar bem alto a sua vontade de independência.

Sò no mês de Fevereiro, apesar de não receberem ajuda de ninguém, recuperando apenas as armas do inimigo, as Forças Armadas de Libertação Nacional, as FALINTIL, sob o comando de Xanana Gusmão, mataram 31 soldados indonésios.

Não se trata de fazer discursos triunfalistas (em Timor eles pagam-se com vidas) mas não podemos deixar de lembrar que, em 7 de Dezembro de 1975, os indonésios contavam "resolver" a questão em quinze dias e que quinze anos passaram e o povo timorense continua a não vergar.

Se a luta no interior de Timor é dificil, no exterior as dificuldades também são imensas. Os governos influentes na cena politica mundial têm interesses econòmicos, militares ou politicos que os ligam à Indonésia. Sempre prontos a mostrarem-se quando se fala de defesa dos direitos do homem, calam-se em relação ao que se passa na Indonésia e em Timor-Leste.

Se o Parlamento Europeu, a partir de iniciativas dos deputados portugueses, jà condenou vàrias vezes os procedimentos da Indonésia e afirmou o direito do povo de Timor à autodeterminação, os Governos, **todos os Governos** destes paises da Europa onde trabalhamos e vivemos, continuam cegos, surdos e mudos.

Sò a opinião pùblica pode levà-los a mudar de atitude.

Companheiros,

Nos paises em que vivemos **nòs fazemos parte da opinião pùblica**. Nas nossas associações, nos nossos lugares de vida e de trabalho, as comunidades portuguesas na Europa estão, todos os dias, em contacto com milhões de pessoas doutras origens e nacionalidades. Pelas nossas actividades profissionais, associativas, sindicais ou politicas estamos em contacto com Presidentes de Câmaras, deputados, dirigentes politicos ou associativos. Pessoas que são solicitadas em permanência por outras causas humanas, pessoas sensiveis ao que se passa no mundo, mas pessoas que nunca ouviram falar de Timor.

Neste 25 de Abril de 1990, nòs proclamamos solenemente que, para nòs portugueses, **o 25 de Abril não terminou enquanto o povo de Timor-Leste não for independente.**

VAMOS FALAR DE TIMOR A NOSSA VOLTA !